



## Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

### Retomando algumas reflexões de Maturana sobre a Educação

**Ronaldo Manzi Filho**, Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Inhumas, Doutor em Filosofia (USP/RUN), Pós-Doutor em Filosofia (USP), em Psicologia Clínica (USP), em Educação (PUC-GO), pós doutorando em filosofia (UNB), Psicanalista e artista plástico, [manzifilho@hotmail.com](mailto:manzifilho@hotmail.com)

**Resumo:** Esse artigo busca realizar uma discussão entre a questão da competição (presente em teorias contemporâneas sobre a educação) com as reflexões que Maturana nos traz a partir da biologia. Maturana nos surpreende ao pensar sobre questões que aparentemente estão fora do domínio da biologia, tais como a ética, a política, a cultura e a educação. O que Maturana nos leva a pensar sobre a educação a partir de premissas biológicas? Como seria possível se contrapor ao que foi naturalizado em nossa cultura, como a questão da concorrência, a partir de uma ideia biológica? Afinal, seria possível um novo discurso na educação com essas ideias? Teria algum fundamento esse tipo de discurso? Qual seria? E se partíssemos de uma ideia de que é o amor que fundamenta o social? Sua argumentação é contraintuitiva, pois nem toda convivência é amorosa. Partiremos de duas palestras desse pensador que foram traduzidas no Brasil como *Emoções e linguagem na educação e na política*. Maturana insiste nessas falas que há um fundamento emocional do social e que é o amor o que o fundamenta – o que tornaria possível a aceitação do outro na convivência mútua. Quais as consequências dessa teoria para a educação?

**Palavras-chave:** educação; biologia; emoção; concorrência; amor.

#### Taking up some of Maturana's reflections about education

**Abstract:** This paper seeks to discuss the issue of competition (present in contemporary theories on education) with Maturana's reflections about biology. Maturana surprise us when he thinks about something that is apparently outside the domain of biology, such as politics, culture, and education. What does Maturana lead us to think about education from biological premises? How would it be possible to oppose with what has been naturalized in our culture, such as the issue of competition, from a biological idea? After all, would a new discourse on education be possible with these ideas? Could it has be any foundation? Which it would be? And if we started from the idea that love is the foundation of social? His argument is counterintuitive since not all coexistence is loving. We will follow two papers publish as *Emociones y lenguaje en educación y política*. Maturana insists in these lines that there is an emotional foundation of social and that is love that underlies it – which would make possible the acceptance of the other in mutual coexistence. What are the consequences of this theory for education?

**Keywords:** education; biology; emotion; competition; love.

---

**Aprovação:** 2021-09-20. **Aprovação:** 2022-04-19. **Publicação:** 2022-04-30

---

## Introdução: uma perda

Na verdade, muito sofrimento e abuso têm sido gerados na história da humanidade justificados por teorias filosóficas, na crença sincera ou insincera de que o que elas sustentam é universalmente válido, independentemente dos desejos e das crenças privadas daqueles que as defendem (MATURANA, 2001 p. 169).

Estudei para devolver ao país o que havia recebido dele. Estava mergulhado num projeto de responsabilidade social. Era partícipe da construção de um país, no qual se escutava continuamente conversas sobre o bem-estar da comunidade nacional que seus membros contribuía para construir (MATURANA, 1998, p. 12).

Muito recentemente, em maio de 2021, perdemos um grande pensador – pensador no sentido amplo que o termo conota. Ao se formar como médico/neurobiólogo, suas questões não se resumem simplesmente à biologia/fisiologia no sentido que esperamos de alguém com uma formação médica tradicional. Humberto Maturana nos diz sobre política, ética, educação e mesmo sobre economia a partir de suas reflexões biológicas/neurobiológicas. Como destaca muito bem Nize Maria Campos Pellanda em seu trabalho intitulado *Maturana & Educação*:

O que Maturana fez com suas pesquisas foi ampliar e muito a compreensão do que significa ser humano. Ele fez isso não trabalhando isoladamente dentro das fronteiras da Biologia, mas num universo transdisciplinar complexo porque profundamente imbricado com outros campos do conhecimento e, ao mesmo tempo, numa abordagem conjunta das diferentes dimensões dos seres vivos. Mas é preciso dizer também que Maturana nunca deixou de afirmar que falava a partir da Biologia, que agia como um biólogo (PELLANDA, 2009, p. 15).

Esse texto não é somente uma mera homenagem a esse grande pensador, mas também uma discussão sobre o lugar da educação em nossa contemporaneidade: o que Maturana nos leva a pensar sobre a educação a partir de premissas biológicas? Por que, por exemplo, ele pode discordar de certos pressupostos que foram naturalizados, como a concorrência, em teorias econômicas dominantes atuais que orientam o ideal educacional? Afinal, seria possível um discurso com base biológica sobre a educação? Teria algum fundamento esse tipo de discurso? Qual seria?

O que Maturana nos apresenta é uma biologia do conhecimento que se estende a uma reflexão do individual, do social e do cultural. Sua tese parte de um entrelaçamento entre o racional e o emocional – algo não muito estranho se formos um leitor de Sigmund Freud quando ele apresenta que o homem age a partir do princípio do prazer/desprazer: “(...) o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida” (FREUD, 2010, p. 30). Ou seja, Freud também parte de um princípio sobre a vida em geral para fundamentar sua teoria.

Mas há algo não freudiano em Maturana que nos surpreende. Temos plena consciência que a discussão de Maturana não é com a teoria freudiana. Mas é sempre bom fazer paralelos para compreendermos melhor o que um autor está defendendo. Trata-se de uma premissa que Maturana também nos diz ser biológica: *o amor*; “O central na convivência humana é o amor (...)” (MATURANA, 1998, p. 32). Lembremos como Freud ojeriza essa ideia, por exemplo, em *O mal-estar na civilização* (1930). Para Freud é sem sentido a exigência de amar o próximo como se ama a si mesmo, porque

Quando amo a outrem, este deve merecê-lo de algum modo. (...) Ele o merece, se em importantes aspectos semelha tanto a mim que posso amar a mim mesmo nele; ele o merece, se é tão mais perfeito do que eu que posso amar nele o meu ideal de mim; eu tenho que amá-lo se ele é filho do meu amigo, pois a dor do amigo, se algo lhe acontecesse ao filho, seria também minha dor, eu teria de compartilhá-la. Mas se ele me é desconhecido e não me pode atrair por nenhum valor próprio, nenhuma significação que tenha adquirido em minha vida emocional, dificilmente o amarei. E estaria sendo injusto se o fizesse, pois meu amor é estimado como um privilégio pelos meus; seria injusto para com eles equipará-los a desconhecidos (FREUD, 2010, p. 74).

Maturana visa um outro caminho: o amor é o que fundamenta o social e isso seria uma questão biológica. Sua defesa é que toda ação humana envolve emoção e o viver em sociedade é uma ação que se fundamenta em uma emoção em especial: o amor. Afirma: “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 22). Ou seja, diferentemente do que Freud nos coloca, o amor seria a base de qualquer convivência social e não uma Lei, por exemplo, como do incesto. A teoria de Maturana nos leva a pensar que a história do hominídeo só é possível de ser escrita se tomarmos o amor como fundamento social. Aqui as coisas ficam mais interessantes, porque Maturana não nega que exista a rejeição do outro – mesmo porque isso seria uma cegueira se conhecemos a história bárbara de lutas e conflitos da humanidade. Mas tal não exclui seu argumento. E o que o torna mais complexo é lembrarmos da definição que, em 1984,

Maturana e Francisco Varela fazem de um fenômeno histórico na obra *A árvore do conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana*: “cada vez que, num sistema, um estado surge como modificação de um estado prévio, temos um *fenômeno histórico*” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 67). Tentemos entender.

### **O que temos? O que queremos?**

Partindo de duas conferências realizadas em 1988, que tinha como fundo a reconstrução da democracia no Chile, fica-nos claro como Maturana defende que não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. Tais palestras foram traduzidas no Brasil como *Emoções e linguagem na educação e na política*. Maturana insiste nessas falas que há um fundamento emocional do social. A história possível do homem se fundamenta, a seu ver, no amor, pois ele seria constitutivo do ser humano e o que torna possível a aceitação do outro na convivência mútua. O que isso teria a ver com a educação?

Viver e conhecer são princípios vitais no ser humano segundo Maturana, por isso se justificaria que haja um discurso biológico sobre a educação com consequências éticas. Começemos pela reflexão ética.

Maturana nos coloca duas questões ao longo de suas falas que nos são centrais: *o que temos? O que queremos?* Na verdade, são questões de cunho concreto, pois visam clarear nossa situação atual e projetar uma situação possível futura. Aparecem, por exemplo, quando Jean-Paul Sartre diz ser preciso fazer algo diante do que aconteceu na França depois da invasão nazista – sua questão era basicamente essa: o que podemos fazer diante disso?

Há aqui algo peculiar: uma luta contra o ressentimento. Lembremos, por exemplo, das reflexões de Maria Rita Kehl em sua obra intitulada *Ressentimento*: “Ressentir-se significa atribuir a um outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer” (KEHL, 2004, p. 11). Que se veja: pode até ser verdade que uma pessoa, ou comunidade (como no caso do Sartre), tenha razão em culpar um outro pela sua dor. O que há de inovador naquelas questões é exatamente ir contra o ressentimento: ao perguntarmos o que temos, podemos estabelecer metas em comum do que queremos, mesmo diante de situações desfavoráveis. É esse o ponto de Maturana: independentemente do quão desastrosa possa ser nossa situação, é preciso que saibamos de forma clara o que temos e projetarmos o que queremos – no caso, socialmente. Com o fim da ditadura no Chile, sua questão é: qual é o nosso

projeto de país? Se se quer saber o que se espera da educação, é preciso uma pergunta mais abrangente do que queremos enquanto comunidade.

Aqui aparece outro ponto interessante nessas palestras: uma contraposição entre estudar para devolver ao país o que se recebeu dele (como Maturana teve como escolha) e estudar para competir no mercado de trabalho, tal como se apresentava e se apresenta as teorias educacionais contemporâneas de cunho neoliberal.

Sabemos como a ideia de competição é tomada como natural no discurso econômico contemporâneo. Basta lermos obras tais como *O neoliberalismo – história e implicações* de David Harvey, *A nova razão do mundo – Ensaio sobre a sociedade neoliberal* de Pierre Dardot e Christian Laval ou *O novo espírito do capitalismo* de Luc Boltanski e Ève Chiapello. Aliás, é preciso notar como essas teorias de cunho neoliberal sempre tentaram criar a sua própria história para se justificar como um “estado natural” do desenvolvimento da humanidade. Ou seja, há uma tentativa de justificativa da existência do mercado como uma evolução do homem. Trata-se de escrever uma história de progresso que culmina com a livre concorrência como a forma mais acabada de realização do ser humano. Lembremos, por exemplo, dessa passagem de Ludwig Von Mises em sua obra *Ação humana – Um tratado de economia*:

A economia de mercado é um modo de agir, fruto da ação do homem sob a divisão do trabalho. Todavia, isto não significa que seja algo acidental ou artificial, algo que possa ser substituído por outro modo de agir qualquer. A economia de mercado é o produto de um longo processo evolucionário. É o resultado dos esforços do homem para ajustar sua ação, da melhor maneira possível, às condições dadas de um meio ambiente que ele não pode modificar. É, por assim dizer, a estratégia cuja aplicação permitiu ao homem progredir triunfalmente do estado selvagem à civilização (MISES, 2010, p. 324).

A tese de Maturana, por sua vez, é a seguinte: “A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro” (MATURANA, 1998, p. 13). Essa tese nos é fundamental, porque nega a ideia de que seja natural a concepção de concorrência – uma concepção naturalizada de modo inquestionável e que supostamente fundamenta a forma de vida contemporânea, inclusive na educação. Por isso nos vemos com algo bem contraintuitivo em Maturana: a afirmação vinda de um cientista de que a competição é um fenômeno cultural e não biológico. Tal concepção desmascara que a

competição seja natural ao homem para justificar a competição de mercado como prega as teorias econômicas de viés neoliberal.

Pensemos também na discórdia. O que Maturana nos coloca é que o homem age de formas distintas dependendo de seu modo de ver o mundo. O homem pode simplesmente naturalizar certos valores que considera verdadeiros e inquestionáveis; ou pode agir a partir de valores que ele sabe que foram escolhidos por ele e que podem ser questionáveis, haja vista que são escolhas. Diante de valores que discordamos, podemos reagir de uma forma agressiva diante de um estranho. Por isso,

Não é a mesma coisa um encontro com alguém que pertence ao nosso mundo, e a quem respeitamos, e um encontro com alguém que não pertence ao nosso mundo, e que é indiferente para nós, ainda que isso se dê na simples transação mercantil, que nos parece tão óbvia e tão clara. *Não é a mesma coisa, porque as emoções envolvidas num e noutro caso são diferentes* (MATURANA, 1998, p. 14).

Ou seja, nossa reação diante de um outro é fundamentada no emocional e leva em conta se “partilhamos” ou não as mesmas premissas valorativas. O outro pode nos ser um estranho e ser malquisto se não partilha conosco os mesmos valores. A questão é: naturalizamos certos valores e, ao não questioná-los, podemos ser agressivos com aqueles que parecem nos ameaçar quando trazem/apresentam uma concepção de mundo diferente. Nossa reação diante disso é fundamentalmente emocional. Não reagimos de maneira “neutra”:

Todos os conceitos e afirmações sobre os quais não temos refletido, e que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque parece que todo o mundo os entende, são antolhos. Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional (MATURANA, 1998, p. 15).

Não somos seres “neutros”. Antes de tudo, somos seres emocionais. Ou seja, sempre partimos de escolhas que valoramos que guiam nossas ações. É preciso assumir, a seu ver, que as emoções é algo do reino animal; subestima-se, assim, a nossa constituição biológica ao desvalorizarmos nosso fundamento emocional. Daí porque o que se mostra como diferente pode ameaçar o que naturalizamos. Fundamentalmente, podemos entrar em conflito devido a um desacordo de premissas valorativas – basta que nos exponham algo que parte de outro princípio para estranharmos. Imaginemos o seguinte caso que Maturana nos convida a pensar: uma conversa entre pessoas que tomam como inquestionáveis as premissas que aceitam como válidas e verdadeiras; e uma conversa entre pessoas que

também tomam premissas como válidas e verdadeiras, mas que sabem muito claramente que essas premissas foram escolhidas como tal e por isso são questionáveis. Seu raciocínio fica mais claro com essa hipótese:

Nunca brigamos quando o desacordo é apenas lógico, isto é, *quando o desacordo surge de um erro ao aplicar as coerências operacionais derivadas de premissas fundamentais aceitas* por todas as pessoas em desacordo. Mas há outras discussões que geram conflitos: é o caso de todas as discussões ideológicas. Isso acontece quando *a diferença está nas premissas fundamentais* que cada um tem. Esses desacordos sempre trazem consigo uma explosão emocional, porque os participantes vivem seu desacordo como ameaças existenciais recíprocas. Desacordos nas premissas fundamentais são situações que ameaçam a vida, *já que um nega ao outro os fundamentos de seu pensar e a coerência racional de sua existência*. Por isso existem disputas que jamais serão resolvidas no plano em que elas foram propostas (MATURANA, 1998, p. 17).

Quer dizer, as premissas que aceitamos como válidas são defendidas de forma emocional, porque são a partir delas que nos identificamos; as defendemos com tanta força a ponto de entrarmos em conflito com um outro que as colocam em dúvida. Muitas vezes, não nos damos conta que partimos de uma escolha.

Assim, o que tomamos como válido e aceitável, por exemplo, forma nosso modo de vida que defendemos e conservamos culturalmente: o que consideramos certo ou errado, belo e justo, quais são nossos deveres e direitos etc. Mas isso não exclui que possa haver outras formas de conceber o mundo – nenhum desses valores são inquestionáveis. Se o homem entra em conflito com outros, isso é uma escolha; se ele nega seu próximo, é porque *escolheu* assim.

Essa escolha também se dá em relação à competição segundo Maturana:

A vitória é um fenômeno cultural que se constitui na derrota do outro. A competição se ganha com o fracasso do outro, e se constitui quando é culturalmente desejável que isso ocorra. No âmbito biológico não-humano, esse fenômeno não se dá. A história evolutiva dos seres vivos não envolve competição. Por isso, a competição não tem participação na evolução do humano (MATURANA, 1998, p. 21).

### **A concorrência seria um comportamento determinado biologicamente?**

De forma contraintuitiva, Maturana afirma que a evolução das espécies não envolve a concorrência, pois os animais conservam um modo de vida que aceitam a presença de outros animais. Assim, eles *não negam* um ao outro. Aliás, é a convivência que caracteriza nossa espécie segundo essa concepção: é o compartilhar que torna possível uma vida em comum. Um exemplo claro, a seu ver, é a linguagem: ela não é algo que surgiria em um

meio competitivo segundo Maturana, uma vez que falar um com o outro é um modo de interação e aceitação. Essa capacidade de tomar o outro como outro (e não como objeto ou algo que nego), de o querer ouvir, de conviver com ele, Maturana denomina amor:

(...) somos animais dependentes do amor. O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto (MATURANA, 1998, p. 25).

Sendo assim, o que funda o social é uma emoção específica: o amor. É por ele que, no domínio de nossas ações, o outro é aceito como um legítimo na convivência. Portanto, como afirma Pellanda,

O conhecimento não é o resultado daquilo que se capta do exterior, mas ele emerge nas conversações, no conviver com o outro. As conversações nada mais são do que um fluir do emocionar e do linguajar onde a razão entra, mas não é o elemento fundante. Como diz Maturana: ‘Não é a razão que guia o humano, é a emoção’. Formalizar o processo cognitivo, portanto, como fazem muitos epistemólogos e educadores, separando razão e emoção ou mesmo privilegiando o pensamento lógico, é desconhecer o funcionamento complexo do humano (PELLANDA, 2009, p. 83).

Façamos um contraponto. Lembremos, por exemplo, de um livro que se tornou *best-seller* nos Estados Unidos da América: *A revolta de Atlas* (de 1957) escrita por Ayn Rand. A história é extremamente longa e complexa, mas o que podemos destacar aqui é: Rand tenta demonstrar que uma sociedade que vive sob essa premissa (do amor) está condenada ao fracasso. *A revolta de Atlas* é uma ficção que se ambienta em uma sociedade baseada, supostamente, em valores morais de fraternidade, respeito ao próximo e ajuda mútua, sendo a questão social o problema central nos debates entre os personagens. Ao mesmo tempo, Rand descreve essa sociedade como decadente economicamente exatamente por seguirem aqueles valores morais. Os personagens são apresentados sempre fazendo maus negócios. Eles são incompetentes e se justificam: preferem ajudar uma pequena empresa, ou um amigo, ou a comunidade etc. ao invés de escolherem lucrarem com suas escolhas. “A única justificativa para a propriedade privada – disse Boyle [um dos personagens que representam esse ideal] – é o serviço à sociedade” (RAND, 2017, p. 54). Ficamos, assim, com uma ideia de que há um valor moral por traz dessas escolhas e que são, no fundo, valores morais baseados na “capacidade” de o sujeito empreender; uma pessoa malsucedida, sempre se utilizaria do argumento que “fez” uma escolha ou outra



“em nome” da sociedade – uma justificativa para não dizer em “voz alta” que se é incompetente segundo Rand.

A sociedade que ela descreve vive em uma desigualdade social, uma vez que os ricos, normalmente, são herdeiros de fortunas; por isso, a descrição dos antepassados é diferente: eram homens que conquistaram tal riqueza *devido ao seu desempenho pessoal* – uma “outra época”. A trama se dá como se a sociedade tivesse mudado seus valores (do empreendedorismo “egoísta” ao discurso do “amor” ao próximo). Nesse caso, os empreendedores, nessa “nova sociedade” que privilegia o amor ao próximo, não seriam mais bem-quistos – seriam os culpados por tal situação; os ricos também, porque representariam aquela sociedade passada em que o valor era o empreendedorismo. Também por uma questão de “consciência moral” as pessoas ricas aparecem na “missão” de realizar negócios que beneficiem o máximo as outras pessoas e não a si mesmas (ao menos, aparentemente: no discurso da mídia, nas rodas de conversa etc.).

Por outro lado, Rand nos descreve alguns poucos personagens que desenvolvem suas capacidades de empreendedorismo meio a uma sociedade que prega “o amor ao próximo”. São pessoas que agem visando o maior lucro possível; pessoas que, hipoteticamente, teriam uma “visão do futuro”. Na história contada por Rand, o empreendedorismo seria responsável, no fundo, pelo bem-estar de todos outros (isso seria o progresso humano), porque traria emprego e, fundamentalmente, a vontade de vencer: cada um iria fazer o melhor de si, visando cada dia ser mais bem-sucedido. Por isso, esses empresários “carregariam nas costas” todas as outras pessoas; afinal, são eles que promovem emprego e bem-estar (social) com sua ousadia. Daí uma parte do título do livro: Atlas é aquele que carrega um peso nas costas. Mas essas pessoas não são bem-quistas. Eis como uma das personagens descreve seu marido (empreendedor): “O que aconteceria à vaidade de Henry se ele não tivesse a nós para praticar sua caridade? O que seria de sua força se ele não tivesse pessoas mais fracas para dominar? O que seria dele mesmo se não tivesse a nós como dependentes?” (RAND, 2017, p. 52). Ou seja, Henry Rearden, um empresário bem-sucedido, é visto (pela sociedade e inclusive pela família) como uma pessoa que gosta de humilhar as outras por ter dinheiro; ele seria o exemplo de uma pessoa aproveitadora (porque tiraria a oportunidade dos outros ao ser bem-sucedido em algo); uma pessoa sem alma (porque só pensa em coisas concretas-materiais); egoísta (porque tudo que faz só visa a si); uma pessoa que só pensa em dinheiro (não mistura negócios e sentimentos); etc. Bem, são esses os valores que Rand pretende mostrar como os únicos

que fazem com que a sociedade prospere: não buscando o altruísmo, mas pessoas egoístas que, ao realizarem grandes empreendimentos, envolvem e empregam/beneficiam milhares de outras pessoas. Esses empreendedores seriam os “salvadores” da nação, mesmo que todos, mesmo os familiares, estejam contra eles. No fundo, o que Rand defende, do começo ao fim de seu romance, é que as pessoas empreendedoras de si são as que carregam todo o resto pelas costas, por isso a concorrência seria o valor central para o benefício social. Ao tomar a premissa do “amor” no conviver, a sociedade tenderia a um colapso, porque ninguém teria incentivo para trabalhar em prol do progresso. É preciso empresários para salvar a sociedade e uma concorrência “sadia” – é o que apreendemos da história de Rand.

Tomando esse exemplo de Ayn Rand, percebemos o quanto Maturana se distancia de teorias sociais/econômicas que se baseiam na concorrência. Aliás, podemos ver algumas tentativas inclusive de “amenizar” a ideia de competição no meio social afirmando que se trata de “servir” ao outro. Que se leia, por exemplo, essa passagem de Mises da obra *O fundamento último da ciência econômica*:

Movidos pelo impulso de melhorar suas próprias condições, melhoram as condições de outras pessoas. O padeiro não prejudica àqueles para quem ele assa os seus pães, mas os serve. Todos seriam prejudicados se o padeiro cessasse de produzir pão e o médico cessasse de atender os doentes. O sapateiro não recorre a “estratégias” para derrotar os seus clientes com a oferta de sapatos. Não se deve confundir a competição no mercado com a competição biológica implacável que prevalece entre animais e plantas ou nas guerras que ainda se travam entre nações – infelizmente, não de todo – civilizadas. A competição cataléctica no mercado tem por fim atribuir a cada indivíduo no sistema social aquela função em que ele seja capaz [de] prestar aos seus semelhantes os mais valiosos dentre os serviços que é capaz de executar (MISES, 2017, pp. 110-111).

A partir de uma questão biológica, há a suposição de que haja uma concorrência entre os animais; no caso, ela seria selvagem/implacável; no caso do homem, essa concorrência seria “civilizada”, pois serve ao outro. Assim, entre os homens, a competição seria “amenizada”, porque teria como fim o bem social do outro. Maturana vai exatamente contra essa ideia tomada enquanto premissa biológica. Aliás, até mesmo o pressuposto de que a competição seja um fenômeno que se dá na animalidade em geral é uma suposição falsa biologicamente segundo Maturana.

A importância e a inovação da argumentação de Maturana está em ir de encontro com a argumentação tão bem aceita da concorrência. Pensando ainda em Rand, podemos nos lembrar de uma passagem em que Maturana e Varela discutem sobre o tema altruísmo e egoísmo. Nela, lemos resumidamente o seguinte: o estudo da forma de vida dos animais

*Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v. 20, n.1, p. 183-198, jan./abr., 2022.*

nos leva a pensar um fenômeno altruísta. Por exemplo: “(...) quando o antílope fica para trás e se arrisca mais do que os outros é o grupo que se beneficia diretamente, e não necessariamente ele. Também pode ser dito que quando uma formiga operária não se reproduz e, em vez disso, ocupa-se de conseguir alimento para todas as crias do formigueiro, trata-se de novo do grupo como beneficiado e não dela diretamente” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 219). Trata-se de um complexo jogo de manutenção do individual e do social. Usa-se os termos antropomórficos altruísmo e egoísmo (que são do domínio do social humano) para se tentar compreender esse comportamento. Seria altruísta os comportamentos que visam a manutenção do grupo; e egoísta aqueles que visam o próprio indivíduo. Entretanto, afirmam Maturana e Varela: “Essa visão do animal como um ser egoísta é duplamente falsa” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 219). Por quê?

O que se descreve como altruísta, na observação dos animais em geral, é praticamente universal. Além disso, afirmam que a ideia de deriva animal não requer que se pressuponha que haja egoísmo para a sobrevivência; seria inconsistente afirmar que um animal age para prejudicar o outro, como se estivessem concorrendo um com os outros. Leiamos:

Com efeito, (...) a existência do ser vivo na deriva natural – tanto ontogenética quanto filogenética – não acontece na competição e sim na conservação da adaptação. É um encontro individual com o meio que resulta na sobrevivência do apto. Nós, como observadores, podemos mudar de nível de referência em nossa observação e considerar também a unidade grupal de que participam os indivíduos. Para esta, em sua dinâmica como unidade, a conservação da adaptação é também necessariamente válida em seu domínio de existência. Para o grupo como unidade, os componentes individuais são irrelevantes e todos eles são, em princípio, substituíveis por outros que possam cumprir as mesmas relações. Por outro lado, para os componentes como seres vivos, a individualidade é sua condição de existência. É importante não confundir esses dois níveis fenomênicos para a plena compreensão dos fenômenos sociais (MATURANA, VARELA, 2001, p. 219).

A realização que parece ser estranha, como a de um antílope ao se colocar em risco maior que outros, é uma realização social que indica sua pertença ao grupo, a uma unidade. Tendo isso em mente, o que podemos pensar sobre a educação a partir dessas premissas biológicas?

Maturana nos diz que o ser vivo se reestrutura constantemente. Ele se reestrutura a partir do meio em que vive. Isso significa que ele está atento às variações do meio e que pode, inclusive, transformá-lo. É o caso do humano: ele pode nascer em uma sociedade x,

mas ele pode se questionar e vislumbrar outro meio. Como destaca a pesquisadora Elisabeth Rossetto: “A aprendizagem pode ser considerada o caminho da mudança estrutural que segue o organismo em congruência com as mudanças estruturais do meio” (ROSSETTO, 2008, p. 242). Algo próximo observam os pesquisadores Marcelo Naputano e José Sterza Justo: “Para Maturana, o fato de sermos sistemas determinados em nossa estrutura não é motivo de imobilização, pois é o reconhecimento de que nossa individualidade não reside em nosso corpo que nos dá a condição de ‘trabalharmos’ através da convivência” (NAPUTANO; JUSTO, 2018, p. 739). E Pellanda:

O cérebro muda o tempo todo, e quanto mais ele for desafiado, mais ele se transforma. Nossas atitudes ativas diante da vida, nossa capacidade para responder aos desafios têm como consequências reconfigurações cada vez mais complexas do cérebro (PELLANDA, 2009, p. 89).

Percebemos que há um horizonte de questões recorrente nas reflexões de Maturana ao destacarmos que podemos nos reestruturar: o que temos? O que queremos?

Como seres vivos e sociais, o tempo todo nos modificamos ao nos relacionarmos com o outro. Em nosso caso, a partir da linguagem. Enquanto seres vivos, dizem Maturana e Varela, “Entendemos como *comunicação* o desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados que se dá entre os membros de uma unidade social” (MATURANA, VARELA, 2001, p. 214). No fundo, no caso do ser humano, o que Maturana defende é que vivemos em uma história de interações, de *convivências*. É verdade que se trata de um ser que incorpora e defende seus valores, mas é igualmente verdade que ele pode questioná-los. Sendo assim, apesar de nascermos em uma história qualquer (como resultado de interações sociais específicas), não estamos condenados a sermos determinados por tal história. Desde que nasce até sua morte, o homem pode se modificar. Aliás, de forma mais geral, o organismo: “*O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem. É com base nessa compreensão que devemos considerar a educação e o educar*” (MATURANA, 1998, p. 29).

No humano, o educar visaria, nesse caso, não um determinado conteúdo ou valores, normas específicas, mas *o saber conviver*. Educar seria fazer com que se aceite o outro – um transformar-se mútuo que se dá na convivência. Diz Maturana:

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (MATURANA, 1998, p. 29).

Nesse sentido, educar e ser educado, biologicamente, é um processo que permanece presente em nós por toda vida. A educação – e esse é o ponto – não seria algo “fora” da nossa vivência individual: “Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivermos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver” (MATURANA, 1998, p. 30).

### **Considerações finais – ainda a questão: o que queremos?**

A questão que nos fica sobre a educação é: *que mundo queremos?* Ou seja, trata-se de uma questão de valores que escolhemos para guiar nossa vida: que tipo de sociedade queremos? Uma que a pessoa nega a outra? Ou uma sociedade que visa uma aceitação e um respeito recíproco pelo outro?

Criamos em nossa sociedade a ideia de que é natural a concorrência. Bem, argumenta Maturana, isso é algo simplesmente cultural e presente em uma época específica; se pensarmos biologicamente, não há nada de natural na concorrência. Não por acaso diz:

Para que educar? Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive (MATURANA, 1998, p. 34).

Respeitar a convivência é algo que Maturana reconhece ser difícil, porque nos exige uma postura de não julgar o outro como se tivéssemos “a posse” da verdade. Daí porque afirma que não devemos castigar as crianças pelas suas ações; seria preciso também entender “seu mundo”; seria preciso conseguir valorizar seus saberes. Sua proposta é que levemos a própria criança a se questionar sem que imponhamos a ela um ideal valorativo preestabelecido. E complementa: “(...) e, sobretudo, não a levemos a competir” (MATURANA, 1998, p. 35).

Ora, se partimos das mesmas premissas valorativas, o erro é possível, mas é facilmente resolvível. Se partimos de premissas distintas, como religiosas, acusamos o outro de estar errado/enganado e não aceitamos o que a outra pessoa diz; isso significa que a pessoa que acusa pressupõe que ambos estão no mesmo domínio lógico, que teriam partido do mesmo princípio; seria essa a causa de torná-las agressivas um com o outro. Segundo Maturana, o erro é negar que haja domínios diferentes do pensar:

As premissas fundamentais de todo sistema racional são não-rationais, são noções, relações, distinções, elementos, verdades, ...que aceitamos a priori porque nos agradam. Em outras palavras, todo sistema racional se constitui como um construto coerente a partir da aplicação recorrente e recursiva de premissas fundamentais no domínio operacional que estas premissas especificam, e de acordo com as regularidades operacionais que elas implicam. Quer dizer, todo sistema racional tem um fundamento emocional. *Pertencemos, no entanto, a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário.* Por isso é difícil para nós aceitarmos o fundamento emocional do racional, e pensamos que isso nos expõe ao caos da irracionalidade, onde tudo parece ser possível (MATURANA, 1998, p. 52).

Como seria então possível uma concordância?

A aposta de Maturana é que o aprender modifica nossa forma de ser. Seria possível compreender e conviver com um outro se compreendêssemos suas premissas e as aceitássemos como válidas tal como as suas. Assim, não podemos querer estar mais certos ou mais errados por não partirmos das mesmas premissas: podemos ouvir o que o outro nos diz e entender o argumento mesmo não *partilhando* dos mesmos valores. Por isso podemos ter uma multiplicidade de verdades sem que elas se contradigam. Temos, conseqüentemente, uma história que não é individual, mas de interações recorrentes com outros em que aprendemos a aceitar e a lidar com a diferença. A lição que tiramos aqui da reflexão de Maturana é: seria preciso aceitar o outro como outro para que uma história de convivência se construa. Para isto ser possível, seria preciso ainda lembrar dessas palavras de Maturana e Varela sobre o conhecer:

*O conhecimento do conhecimento obriga.* Obriga-nos a assumir uma atitude de permanente vigília contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas de verdade, como se o mundo que cada um vê fosse *o mundo* e não *um mundo* que construímos juntamente com os outros. Ele nos obriga, porque ao saber que sabemos não podemos negar que sabemos (MATURANA; VARELA, 2001, p. 267).

Maturana nos diz, portanto, sobre princípios de rejeição e aceitação do outro. A rejeição pode se tornar uma aceitação desde que a pessoa se questione – desde que reconheça o emocional. O nome que Maturana deu à aceitação é amor: “O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências” (MATURANA, 1998, p. 67). Por isso Maturana conclui contra a tendência econômica dominante que “não existem a competição sadia nem a disputa fraterna” (MATURANA, 1998, p. 75). Não podemos deixar de lembrar aqui do nosso Patrono da Educação brasileira:

Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos [os que se são vistos como coisas], o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 1987, p. 80).

## Referências

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **La nouvelle raison du monde – Essai sur la Société néolibérale**. Paris: La Découverte, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) – Vol. 18**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARVEY, David. **O neoliberalismo – história e implicações**. Trad. Adail Sobral; Maria Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2013.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Org. e Trad. Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José F. C. Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MISES, Ludwig Von. **Ação humana – Um tratado de economia**. Trad. Donald Stewart Jr. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MISES, Ludwig Von. **O fundamento último da ciência econômica**. Trad. Nelson Dias Corrêa. Campinas: VIDE Editorial, 2017.

NAPUTANO, Marcelo; JUSTO, José Sterza. A biologia do conhecer de Maturana e algumas considerações aplicadas à educação. In: **Revista Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 24, n. 3, 2018, p. 729-740.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Maturana & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RAND, Ayn. **A revolução de Atlas**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Arqueiro, 2017.

ROSSETTO, Elisabeth. A educação à luz do pensamento de Maturana. In: **Revista “Educação Especial”**, n. 32, 2008, p. 237-246.